

CONTRIBUIÇÕES DE GRAMSCI E FREIRE À EDUCAÇÃO¹

Rosane Kloh Biesdorff²

Adriana Mattar Maamari³

RESUMO

Neste artigo são apresentadas as ideias dos pensadores Antônio Gramsci e Paulo Freire que, embora vivendo em locais e épocas distintas, apresentam vivências e pensamentos muito próximos. Ambos defendem a educação como elemento indispensável à transformação social, à superação da opressão, à autonomia e à emancipação do sujeito, especialmente o das classes oprimidas. Assim, inicialmente, é exposto um breve histórico da vida de cada um dos pensadores que se faz necessário para a posterior análise dos seus conceitos acerca da educação. Por fim, discute-se a atual situação educacional e as possíveis contribuições do pensamento freiriano e gramsciano na formação de sujeitos emancipados e comprometidos com a sociedade.

Palavras-chave: educação; emancipação; autonomia; oprimidos; sujeitos.

INTRODUÇÃO

Gramsci e Freire são dois pensadores filósofos que nos oferecem significativas contribuições na área educacional. Em seus escritos, nos apresentam e defendem a educação como elemento necessário à transformação social, indispensável à superação da opressão.

A vida e a obra do italiano Antônio Gramsci (1891-1937) poderiam ser comparadas às do brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Trata-se de dois homens, pensadores da educação, em tempos e locais distintos, mas com vivências e pensamentos muito próximos. Freire, igualmente a Gramsci, é originário de uma região

1 Este artigo surgiu a partir de um estudo realizado no componente curricular de Pesquisa em História, Filosofia e Sociologia da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Bolsista CAPES. rosane_kloh@yahoo.com.br.

3 Adriana Mattar Maamari: Doutora em Filosofia pela Université Paris X – Nanterre e pela Universidade de São Paulo – USP. Professora adjunta de Filosofia do Departamento de Metodologia de Ensino-DME da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Adriana.maamari@ufscar.br.

mediterrânea subdesenvolvida e, pode-se dizer, de interesses políticos. É preso e, logo após, exilado no ano de 1964. Já Gramsci foi preso em 1926. Ambos sofreram as consequências políticas, este do fascismo e aquele do militarismo. Mas, o que mais aproxima os dois pensadores é a defesa de uma educação popular de qualidade para todos, objetivando a superação da condição social dos oprimidos, sua emancipação política, social, econômica, e a socialização do capital cultural.

As vivências e dificuldades pessoais de Gramsci e Freire certamente influenciaram os seus escritos. Podemos observar isso no breve resumo da vida destes pensadores, e assim entender o porquê da adaptação e utilização de seus pensamentos no estudo e na formação das práticas docentes, objetivando, através da educação, a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

BREVE APRESENTAÇÃO DA VIDA DE PAULO FREIRE E DE ANTÔNIO GRAMSCI

Considerado como um dos maiores pensadores da educação, o brasileiro Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife em 1921, onde, mesmo sendo filho de uma família de classe média, conheceu, já na infância, o que é a pobreza, vendo pessoalmente a opressão a que o nordestino estava submetido e a luta das classes populares pela sobrevivência.

Segundo Gadotti, Freire aprendeu a escrita com a sua mãe, entrando na escola já alfabetizado. Aos treze anos, perdeu seu pai, interrompendo assim seus estudos, os quais foram retomados aos dezesseis anos, quando cursou o ginásio. Ao término deste, tornou-se professor de língua portuguesa. Também cursou Direito, tornando-se diretor de Educação e Cultura do SESI. Foi professor e atuou em vários colégios e universidades. Freire coordenou um projeto de educação de adultos no governo Goulart, a partir do ano de 1960, ficando muito conhecido por sua forma de trabalho nestes núcleos de ensino, o qual foi denominado de *método Paulo Freire*. Os chamados círculos de cultura serviam de base para este modelo de alfabetização. O pensamento Freiriano (1992) destaca que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, sendo que é a partir da primeira que são construídos os novos conhecimentos.

Com o início do período militar, em 1964, Freire é preso sob a acusação de subverter a ordem, permanecendo no cárcere por dois meses. Ao ser liberto, exila-se na Bolívia e mais tarde no Chile, onde dá continuidade ao seu trabalho de alfabetização, escrevendo sua obra mais conhecida: *Pedagogia do oprimido*, em 1969. Após cinco anos, vai aos Estados Unidos, Suíça e alguns países da África, continuando seu trabalho de alfabetização pelos lugares onde passou. Freire fica dezesseis anos exilado, voltando ao Brasil em 1980, quando é convidado a trabalhar na UNICAMP. Como pensador da prática da educação, publica vários escritos, nos quais destaca, especialmente, a educação como elemento indispensável à emancipação e libertação das categorias menos favorecidas.

Uma trajetória muito parecida com a de Freire possui o italiano Antônio Gramsci. Filho de funcionários públicos, nasceu no ano de 1891, na ilha da Sardenha, região mediterrânea da Itália, sendo esta uma região considerada subdesenvolvida, fato atribuído à sua localização geográfica. Esta condição também se repete nas áreas localizadas próximo ao mediterrâneo nos outros países. Nosella (1992) nos diz crer que só é possível compreender a insistência de Gramsci sobre as questões políticas, filosóficas e culturais quando se percebe sua vida atrasada, pobre, sofrida..., características estas do homem meridional, podendo ser comparadas às do nordestino brasileiro.

O pai de Gramsci, ainda quando este era criança, perde o trabalho e tem problemas com a polícia, sendo preso. A partir desse momento, as condições financeiras da família não foram mais as mesmas. Gramsci faz a escola primária e, devido às dificuldades financeiras, fica afastado por dois anos, quando, então, retoma os estudos para terminar o ginásio. Depois disso, muda-se para Gacliari, onde faz o colegial. Ali, tem contato com as obras de Marx. Nosella (2008) destaca que, nesse período, Gramsci passa a frequentar o movimento socialista, participando das discussões sobre os problemas econômicos e sociais. O sentimento de rebeldia contra os ricos, sempre presente em seus escritos, fica evidente em 1910, quando publicou o seu primeiro artigo intitulado *Oprimidos e opressores*.

De acordo com Nosella (2008), por seu bom desempenho acadêmico, Gramsci conseguiu uma bolsa de estudos para o curso de literatura em Turim. Esta região, na época uma das mais desenvolvidas da Itália, estava em acelerado processo de industrialização e se contrapunha àquela da origem de Gramsci. As dificuldades financeiras para manter-se continuam. É quando ingressa no partido socialista da Itália, decisão esta motivada pelas suas vivências pessoais. Começa a redigir textos a serem publicados em revistas e torna-se um famoso jornalista/ escritor, abandonando o curso de literatura em 1915.

Em 1921, Gramsci, juntamente com outros seguidores, funda o Partido Comunista da Itália, tornando-se o seu líder em 1924. Nos anos que se seguem, dedica-se às atividades políticas e aos seus escritos, nos quais relata o momento vivenciado pelos italianos, especialmente questões políticas e econômicas das classes menos favorecidas, como os operários, as organizações sindicais, as greves operárias, e alguns estudos marxistas.

Tal como em décadas mais tarde viria acontecer com Freire no Brasil, no ano de 1926 Gramsci é preso por motivação política. Porém, o italiano permaneceu no cárcere até sua morte, em 1937. Os escritos da prisão, sendo estes as cartas enviadas a familiares e aos amigos e os *cadernos do cárcere*, viriam a ser publicados somente após o fim do nazismo italiano, em 1945. Há uma diferença perceptível entre as ideologias dos escritos políticos e dos escritos do cárcere, especialmente os dos últimos anos, quando Gramsci compreende intimamente alguns fatos, tais como a traição partidária e a verdadeira ideologia de alguns ex-companheiros políticos. Nosella (2008) destaca que Gramsci reavaliou, nesse período, os princípios, conceitos, valores e sentimentos, o que fez com que a sua militância passasse a ser menos doutrinária e burocrática, e mais investigativa, livre e sincera - livre inclusive das ideologias partidárias.

Monasta (2010) nos fala do desejo de Gramsci relatado em carta direcionada à cunhada Tatiana, em 1927, colocando que gostaria de escrever algo "para sempre" e que a finalidade desse escrito seria o conhecimento como fim em si mesmo. Neste sentido, Nosella (2008, p.9) complementa:

Para mim, porém, Gramsci tornou-se dessa forma um homem de seu tempo que deixara, como legado, valores humanos e morais, mas sobretudo sua capacidade de

indagar a realidade que o cercava, isto é, o espírito investigador contraposto ao notório espírito didascálico ou doutrinário do marxismo tradicional.

Certamente este seu desejo se concretizou, pois seus escritos, especialmente os do cárcere, não ficaram simplesmente como os de mais um pensador. Embora escritos há quase um século, em um momento único da história italiana, parecem nos falar muito sobre a realidade brasileira, sendo amplamente estudados hoje por alunos, pensadores e intelectuais de várias áreas. Da mesma forma, encontram-se estudos do pensamento freiriano ligados às mais diversas áreas do conhecimento, espalhados na maioria dos países do mundo. Atualmente, torna-se fundamental conhecer a contribuição destes pensadores à educação, especialmente na dos menos favorecidos.

PENSAMENTO GRAMSCINIANO ACERCA DA EDUCAÇÃO

O estudo do pensamento gramsciano no Brasil teve seu auge nos anos 80. A moda Gramsciniana, como destaca Nosella (2008), encontrou aqui condições políticas e sociais favoráveis ao pensamento do autor, especialmente a liberdade de estudo de pensamentos marxistas, dada após o fim da ditadura militar. Gramsci se apresenta com a ideologia de um marxista moderno, um mártir do fascismo, um educador humanista. Mesmo não sendo um pedagogo, os seus escritos contribuem significativamente na compreensão de que o ensino não se justifica por si próprio, mas por sua relação geral com a sociedade, especialmente com os fatores políticos e econômicos.

Gramsci defende uma escola única, para que todos, independentemente de classe social, tenham acesso à educação básica, a qual é indispensável para a compreensão da sociedade e do meio como um todo. Educação esta que não deve ser direcionada profissionalmente, e sim oferecida de tal modo que, ao final desse ciclo, o jovem tenha capacidade e condições para fazer suas escolhas profissionais e especializar-se em uma atividade. Somente o ensino superior ou profissionalizante deveria ser direcionado, de acordo com o autor.

O conceito de escola única para Gramsci não significa um modelo de escola e de currículo universal, mas sim, uma educação onde todo e qualquer indivíduo tenha a oportunidade de ter acesso ao conhecimento, e de utilizá-lo dentro da sua realidade, tendo-se assim um homem emancipado. A escola é apenas um elemento na superestrutura, mas a responsável pela formação de todo e qualquer sujeito. (NOSELLA, 2008).

Todo o indivíduo é fruto de uma história, sendo ele uma unicidade. Desta forma, a educação não pode ser pensada e estudada separadamente das relações de trabalho e das vivências pessoais e sociais dos educandos. Gramsci defende a necessidade da transmissão do conhecimento e da cultura informal, pois, para ele, o indivíduo se compreende melhor quando compreender a cultura e os valores de sua sociedade. Para este pensador, a escola pública deveria ter um currículo baseado em fatores concretos, relacionando o currículo escolar com a vida cotidiana do educando.

O educando deveria ser ensinado, acima de tudo, a ser um filósofo, para assim ter a capacidade de sistematizar o conhecimento e as situações que lhe são apresentadas, sendo crítico frente a sua realidade e, dessa forma, ser capaz de produzir conhecimento e ser atuante na sociedade. Portanto, não se pode aceitar uma educação baseada na simples transmissão de conhecimentos.

Nosella (1992) nos relata a preocupação de Gramsci em relação à criança e ao adolescente. Na pré-puberdade, muitos pensam que as crianças não necessitam de tanta atenção, e os pais e educadores não lhes dão a mesma atenção de antes; isto, porém, trará problemas que aparecerão na adolescência. Então, estes tentarão intervir, mas já pode ser tarde para o adolescente aprender certos modos, hábitos e valores. Na carta 171, escrita no cárcere no ano de 1930, destinada à sua irmã Teresinha, Gramsci (1992, p.77) coloca: "Caríssima Teresinha, você deve voltar a ser viva como era antigamente para poder guiar bem as crianças fora da escola e não deixá-las abandonadas a si mesmas como acontece muitíssimas vezes, sobretudo em famílias chamadas 'de bem'." O abandono ao qual Gramsci se refere diz respeito à

desatenção dos pais em repassar aos filhos os bons costumes, bons modos. O adulto deve dar atenção a todas as atividades da criança e do adolescente, não se preocupando apenas com o ensino formal.

O que Gramsci defende é que todos os sujeitos possuem a necessidade de acesso à educação, uma vez que todos os trabalhadores, ou futuros trabalhadores, são intelectuais. O que os diferencia é que uns usam mais o esforço intelectual, outros mais o muscular, para desempenharem o seu ofício. Porém, para exercer qualquer atividade o indivíduo necessita do intelectual, pois em tudo se exige um mínimo de conhecimento técnico. Já o trabalho técnico exige um intelectual mais prático, construtor e produtivo. Gramsci compreende que o homem não é e nem pode ser considerado uma máquina. Ele é primeiramente, e acima de tudo, um ser humano. O pensador mostrou-se contrário à expansão do modelo de ensino técnico de que a industrialização crescente na Itália necessitava, defendendo uma educação básica, igualitária e humana.

Para Gramsci, o sistema educacional tem um papel fundamental na formação da hegemonia cultural ideológica política, como também na formação da contra-hegemonia. Assim, justifica-se a necessidade de acesso à educação de qualidade para todos.

A emancipação do homem, segundo Gramsci, se dá por meio do trabalho, sendo que este não poderá ser alienado, pois tal alienação é exterior ao indivíduo e busca apenas suprir os interesses do mercado. O trabalho assalariado, assim como a produção deste, torna-se uma mercadoria, fazendo do homem não mais sujeito de sua atividade, e sim objeto para o mercado. Já o trabalho produtivo é a forma pela qual o homem se desenvolve, tornando-se sujeito. Assim, a educação deve preparar o indivíduo para ser sujeito de suas escolhas e de seus atos.

Nosella (2008) destaca que Gramsci foi uma personalidade profundamente humana ao dizer que não acredita em educação profissional precoce, já na educação básica, defendendo uma educação familiar e escolar amorosa. Contudo, disciplinada, de elevada cultura humanista, que objetiva proporcionar ao educando o entendimento da evolução histórica, dos processos de produção, e assim lhe proporcionar a possibilidade de inserir-se livremente no mercado de trabalho moderno, em idade apropriada para tal.

O pensamento Gramsciniano ainda defende que, para que a educação se torne unitária, é necessário ter à disposição de todos um ensino público de qualidade. A primeira fase escolar deve oferecer uma cultura geral; a segunda deve priorizar a criatividade e a autonomia do educando; e a terceira seria a especialização. O educador, segundo o autor, deve ser um intelectual orgânico, uma vez que é ele o responsável pela formação destes novos sujeitos.

PENSAMENTO FREIRIANO ACERCA DA EDUCAÇÃO

Como grande humanista e pensador da educação, Freire, mesmo vivendo e sofrendo em um ambiente de disputas por interesses políticos, propôs sua ideia de pedagogia libertadora com métodos educativos que objetivam a emancipação do indivíduo, tornando-o sujeito de seus atos e pensamentos.

Durante o período militar, a educação no Brasil foi ampliada, sendo disciplinante e profissionalizante, objetivando a formação técnica para atender ao modelo de produção vigente. Os professores foram instrutores de conhecimentos e metodologias; os alunos, depósitos moldados de conhecimentos para assim atender a tais interesses, especialmente os econômicos. Enfim, este modelo de educação mostrou-se distante da realidade na qual a escola estava inserida. Segundo Freire (1987, p.74), "Em todas as épocas os dominadores foram sempre assim – jamais permitiram às massas que pensassem certo". Assim, nesse período, os dominantes buscam ter um aluno conformista e domesticado, disciplinado apenas para o trabalho na indústria e não para exercer a sua cidadania.

Para que a emancipação se torne possível, segundo Freire (1996, p.10), é necessária "[...] uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.", sendo a educação um ato político, e a política um ato educativo. Em sua obra *Educação como prática da liberdade* (1989), escrita em um momento em que o país dava seus passos iniciais na democracia, Freire destaca que se necessitava de uma educação que objetivasse a transividade crítica ao novo regime, convencendo o brasileiro de que "[...] ter privilégios não é só ter direitos, mas, sobretudo, deveres e deveres com sua nação", Freire

(1989, p.87). O autor propõe uma reforma urgente no processo educativo, onde se faz necessário “[...] uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”. Para tanto, os cidadãos deveriam ter consciência desta transitividade, para não aceitarem uma sociedade plasticamente democrática, e, sim, tornarem-se sujeitos da democracia.

Freire (1987) apresenta seu pensamento, no qual destaca que a educação, para atender às reais necessidades do ser humano, deveria ser baseada em um diálogo aberto entre dois aprendizes, educadores e educandos, sendo que os primeiros objetivariam a mediação do conhecimento, já de seu domínio, para que os últimos o internalizem e possam usá-lo de forma consciente e crítica em suas relações sociais. Deste modo, educandos tornar-se-iam autônomos, sujeitos livres, conscientes e responsáveis por seus próprios atos. O diálogo pedagógico não iguala professores e alunos.

Se fossem iguais, um se converteria no outro. O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um no outro. (FREIRE, 1992, p.118)

Dessa forma, compreende-se que a educação dialógica não necessita que um imponha seu pensamento sobre o outro, mas que, em conjunto, os sujeitos ampliem seu saber. Alguns pensadores Freirianos denominam como *didiscência* o ato de ensinar e aprender, onde ambos os envolvidos ensinam e aprendem, sem impor-se.

Ao referir-se às individualidades, Freire (1989, p.50) coloca: “O homem, radical na sua opção, não nega o direito do outro optar. Não pretende impor sua opção. Dialoga sobre ela”. Mesmo estando convencido de seu acerto, respeitará no outro o direito de também julgar-se certo. Tentará convencer e converter o outro, e não o obrigará a aceitar a sua posição como sendo a única verdadeira. Percebe-se, assim, que a educação não poderá ser opressora, como também a sociedade não poderá impor-se ao sujeito.

Para Freire, o professor, assim como os demais líderes, devem ter sempre uma autoridade não autoritária; somente assim, os indivíduos livres, autônomos terão a oportunidade de usar seus

saberes para o bem de toda a sociedade (1996, p.59) "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder aos outros". Ou seja, o educando deve ter garantido tais direitos básicos, os quais são necessários a uma formação adequada.

A educação efetivamente verdadeira, para Freire (1992), é aquela que busca uma constante humanização dos indivíduos. Para isto, segundo ele, os professores devem ter uma postura dialógica e dialética, a fim de contribuir na transformação das realidades histórico-sociais opressoras. A libertação da opressão não se dá de forma individualizada, mas é uma caminhada onde "[...] ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer e retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar", (FREIRE, 1992, p.155), ou seja, na educação há um caminho para se chegar à libertação, mas é necessário que seja apresentada a existência deste caminho, para que o indivíduo possa segui-lo.

Freire mostra-se contra a denominada educação bancária, por considerar que o aprendiz não é um ser vazio de vivências, não podendo assim ser um depósito de informações desvinculadas de sua realidade. Freire (1987, p.41) nos diz que este modelo da educação "[...] servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda, que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a domestica". Desta forma, se compreende que a educação não pode desconsiderar a realidade do educando; os conteúdos devem ser aproximados ao máximo destas vivências individuais e coletivas, para desenvolver sua sensibilidade e criatividade em relação ao meio em que está inserido. A educação, para ser libertária, não poderá apresentar o homem isolado do seu contexto; é necessário que ela seja crítica, pois a criticidade, na concepção de Freire (1989), é a única maneira pela qual o homem realiza sua vocação natural.

O ensino depende de dois sujeitos, educador e educando, nenhum sendo superior ao outro, pois ambos participam do processo de construção da aprendizagem. Para Freire (1996, p.23), "não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender".

Freire (1996) destaca alguns pontos necessários para bem desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, especialmente por parte do educador, como: adequação do conteúdo á realidade; pesquisa constante (1996, p.29) "pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo". O autor ainda destaca o respeito necessário aos saberes que o educando traz consigo, não matando assim a curiosidade ingênua, pois esta se torna curiosidade epistemológica; ser crítico e ético sendo um exemplo ao educando; repensar continuamente o seu método e sua prática (1996, p.38). "A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" e o respeito e a valorização da identidade cultural dos sujeitos.

De acordo com Freire, a alfabetização em uma área de miséria só ganha dimensão humana quando expulsa a culpa histórica, política e social de dentro do indivíduo, realizando a (1996, p.84) "expulsão do opressor de dentro do oprimido, enquanto sombra invasora", dando, assim, lugar à autonomia e à responsabilidade. Neste sentido, Freire compreendia a necessidade de se olhar o mundo com a lente do oprimido, porque há uma superioridade epistemológica no olhar deste; ele lê o mundo com os olhos de opressor, mas com a vivência de oprimido.

Apesar de grande parte do trabalho de Freire ter se direcionado à alfabetização de adultos marginalizados, os seus escritos podem ser adotados em todos os níveis de ensino, como vem acontecendo, embora de forma ainda lenta. O que deve ser levado em consideração, ao se adotar um método de ensino, são os objetivos finais a que se pretende chegar, pois, como defende o autor, deve-se partir da realidade para, por meio da educação, transformar o contexto. A educação, para Freire, tem o compromisso permanente com a autonomia e a emancipação, especialmente das classes oprimidas.

CONSIDERAR A EDUCAÇÃO HOJE A PARTIR DO PENSAMENTO FREIRIANO E GRAMSCIANO

Uma pergunta a se fazer hoje: o que diriam os estudantes de escolas públicas brasileiras se fossem questionados acerca da sua escola, do método de ensino aplicado, da didática do educador,

das suas perspectivas de trabalho, da sua concepção de cidadania para com o mundo, do currículo escolar, dos seus reais interesses e sonhos? E o que diriam da educação recebida no seio familiar? A grande maioria não saberia responder criticamente a estas questões, pois nem a família nem a escola os educou a pensar criticamente. Já os que saberiam responder, certamente apontariam a grande lacuna existente entre a prática da educação e as exigências da sociedade e do mercado de trabalho. Sobre a atual situação da escola, Nosella (2008, p.82) destaca:

A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola "desinteressada" (não imediatamente interessada) e "formativa" ou de conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminadas. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (grifo do autor).

O ensino desinteressado defendido por Gramsci, e que Nosella igualmente defende, priorizaria uma educação de base igualitária para todos, não preocupada com a profissionalização precoce do estudante, mas sim com a construção de valores como a cidadania e a autonomia. Porém, Libaneo (1994) nos alerta dizendo que a educação escolar, atualmente, é um sistema de instrução com propósitos intencionais já pré-estabelecidos pelo sistema de ensino, sendo que seria por meio dela que se deveria democratizar os conhecimentos, adquirir aprendizados científicos que formam a capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade social. Ao questionar os propósitos do atual sistema de ensino, uma vez que os

estudantes não estão saindo da escola nem preparados para entrar no mercado de trabalho, e nem para a vida, Nosella (1984, p.18) nos diz ser necessário:

[...] levantar a bandeira do máximo, isto é, exigir a materialização do princípio da igualdade social e uma escola em tempo integral para os filhos dos trabalhadores; deve-se exigir que a eles seja ensinado como dirigir a sociedade, exigir, portanto, que lhes ensine o processo-histórico científico, e não apenas pobres fórmulas avulsas do saber enciclopédico; deve-se exigir que as escolas sejam realmente centros culturais e não meros postos de assistência social.

Embora tenham se passado mais de duas décadas da publicação deste pensamento de Nosella, hoje ele se evidencia claramente em uma realidade que o autor parecia temer. Temos escolas em tempo integral já instaladas há algum tempo, outras se efetivando, porém a realidade da aprendizagem nestas não corresponde à expectativa de Nosella, já que é na escola onde acontece todo o processo da educação formal, e o docente é o elemento que faz a intermediação entre o conhecimento e o educando. Docente este que na concepção Gramsciana deve ser um intelectual orgânico. Contudo, atualmente, os docentes que são mal remunerados, desmotivados, que educam pela simples transmissão do conhecimento em um sistema arcaico, são alguns dos motivos do fracasso educacional que estamos evidenciando.

O educador necessita ser um mestre para seu educando, e não um simples professor. O mestre não se preocupará apenas com o seu cronograma de conteúdos a repassar, mas muito mais em proporcionar uma formação ao educando que vem até a escola, de modo que este faça a diferença na sociedade. Neste aspecto, o pensamento de Gramsci nos traz que:

Daí porque é possível dizer que, na escola, o nexo instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; sendo também consciente de sua tarefa, que consiste

em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior em luta com o tipo inferior. (NOSELLA, 2008, p.88)

A partir dos conceitos defendidos por Freire e Gramsci, o professor tem o compromisso de educar o homem novo para ser ético e atuante na sociedade, para que venha a ser crítico e socialmente emancipado. Para atingir estes objetivos, é necessário lhe oportunizar atividades, conhecimento, autonomia para que atinja essa emancipação. Tendo uma educação de base de qualidade, o jovem estará preparado tanto para escolher uma profissão a seguir, como para ser ativo politicamente, saindo assim da condição de miséria cultural em que muitos vivem. Um homem emancipado, culto, transformará o seu conhecimento em sabedoria, e somente assim poderá ser considerado e atuar como um cidadão responsável perante a sociedade.

Percebemos ainda, na atualidade, que o sistema básico de ensino público brasileiro está defasado e incapaz de preencher as reais necessidades para uma formação completa do educando, a qual está distante de ser alcançada. O cotidiano do homem exige uma formação constante, o que no mundo globalizado parece ser inatingível. Assim, o que se deve priorizar na formação humana hoje é que o sujeito seja capaz de interpretar o seu cotidiano de forma crítica e saber distinguir aquilo que é construtivo ou destrutivo para toda a sociedade, e então agir de forma ética frente a sua interpretação. Ao referir-se à educação, Freire (1992, p.126) coloca:

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é uma esperança que nos move.

O ato pedagógico, para os dois pensadores aqui destacados, deve estar além da instrução regulamentada, mas a serviço da emancipação de cada indivíduo, para que este supere o senso comum e utilize o conhecimento orgânico sistematizado para tornar a sociedade mais justa e igualitária, e não para utilizar a educação como um instrumento de opressão. Se por um lado a escola é uma

reprodutora dos interesses das classes dominantes, por outro lado ela é um espaço dinâmico, sendo assim possível utilizá-lo para a transformação da sociedade. Para tanto, torna-se necessário o auxílio dos educadores na formação da contra-hegemonia.

Sendo o sujeito, na concepção freiriana, um ser inacabado, que se forma socialmente, existe a esperança de mudanças no sentido da construção de uma educação que o liberte da opressão e lhe oportunize a conquista da sua autonomia e de sua emancipação, uma vez que ser cidadão para Freire é gozar dos direitos políticos e civis de um estado e ter comprometimento para com ele. A humanização é, segundo Freire (1987), uma vocação natural dos homens. Entretanto, esta lhes é negada, dando lugar à opressão e à injustiça. Por outro lado, o autor anteriormente citado (1987, p.16) nos coloca que tal vocação é, ao mesmo tempo, “[...] afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta de oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada”. Tanto a humanização quanto a desumanização, na história e no contexto, são uma possibilidade dos homens como seres inconclusos. É neste ponto que entra o papel da educação como elemento formador e transformador do homem.

GRAMSCI'S AND FREIRE'S CONTRIBUTIONS TO EDUCATION

ABSTRACT

In the present paper we present the ideas of the thinkers Antônio Gramsci and Paulo Freire, who appear to have very similar experiences and thoughts despite having lived in different times and places. Both argue that education is an indispensable element to the social transformation, the overcoming of oppression, the autonomy and the emancipation of the individual, especially the one coming from the oppressed classes. At first, a brief historical account on the life of each of the thinkers is presented. Such an account is made necessary for the subsequent analysis of their concepts about education. Finally, the current educational situation and the possible contributions of Gramsci and Freire's thoughts to the education of emancipated individuals committed to society are discussed.

Key words: education; emancipation; autonomy; oppressed; individuals.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *A pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Paz perpétua, 1989.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39ª edição. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 23ª edição. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1987. (livro disponível virtualmente).

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: pequena biografia. Centro de Referência Paulo Freire. Disponível em <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000031> acesso em 13 de Jun. De 2011.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LIBANEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MONASTA, Attilio. *Antônio Gramsci*. Tradução P. Nosella. Recife: Editora Masangana, 2010.

NOSELLA, Paolo. *Antonio Gramsci para os educadores: antologia organizada por Paolo Nosella*. São Paulo: UNINOVE/UFSCAR, 2008. (texto digitalizado em CD).

_____. *A escola em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

_____. *Aspectos teóricos da pesquisa educacional: da metafísica ao empírico, do empírico ao concreto*. Educação e sociedade. Nº19. 1984. 5-21 pag.

Recebido em: fevereiro de 2012

Publicado em: março de 2012